

## Juventude e violência: páginas que sangram <sup>1</sup>

Marcília Luzia Gomes da Costa MENDES<sup>2</sup>

Elenilda Dias de Souza CARLOS<sup>3</sup>

Geilson Fernandes de OLIVEIRA<sup>4</sup>

Francisca Meiriane da SILVA<sup>5</sup>

Felipe de Freitas CARNEIRO<sup>6</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Mossoró, RN

### Resumo

Na atualidade, os discursos da mídia constituem-se como uma das principais mediações na produção de sentidos diversos em relação à sociedade e aos seus agentes. Neste cenário, as fotografias, especialmente aquelas que são veiculadas nos jornais impressos são comumente associadas à noção de verdade ou a algo inquestionável, sendo comumente tidas como a própria realidade. Partindo dessa premissa, o presente artigo apresenta proposições e reflexões teóricas e metodológicas introdutórias que são parte de projetos de pesquisas que vem sendo desenvolvidos no Grupo de Pesquisa em Informação, Cultura e Práticas Sociais, os quais versam sobre a problemática de como o discurso jornalístico tem constituído a representação de jovens em situação de violência, tendo como recorte empírico as fotografias publicadas no Jornal *O Mossoroense*.

**Palavras-chave:** Juventude; Violência; Discurso das Mídias; *O Mossoroense*.

### Introdução

Na contemporaneidade, existe uma extensa demanda por produção de conhecimentos teóricos que alimentem os conhecimentos em nível local e regional. Os espaços territoriais se caracterizam pela capacidade de integração, no que se refere tanto aos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. O presente estudo é vinculado ao projeto intitulado “Juventude e violência no município de Mossoró – RN: olhares a partir da tríade ensino, pesquisa e extensão”, aprovado no processo nº 456862/2014-5, chamada MCTI/CNPq/Universal 14/2014.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) e do Departamento de Comunicação Social (DECOM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Líder do Grupo de Pesquisa Informação, Cultura e Práticas Sociais. Email: marciliamendes@uol.com.br.

<sup>3</sup> Mestre em Ciências Sociais e Humanas pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Membro do Grupo de Pesquisa Informação, Cultura e Práticas Sociais. Email: ellendiasse@gmail.com.

<sup>4</sup> Mestre em Ciências Sociais e Humanas pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Membro do Grupo de Pesquisa Informação, Cultura e Práticas Sociais. Email: geilson\_fernandes@hotmail.com.

<sup>5</sup> Discente do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Email: meiri10008@gmail.com.

<sup>6</sup> Discente do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Email: felipe\_fcarneiro@hotmail.com.

aspectos físicos e às atividades econômicas, quanto à dimensão sociocultural da população local, o que difere de uma visão generalista, mais afeita à operacionalidade dos ritos acadêmicos centralizados. Do ponto de vista sociológico, entende-se que é a densidade social e cultural que concede aos espaços locais e regionais os atributos de um território. Assim, o território é percebido como um espaço de vida de uma sociedade local, que tem uma história, uma dinâmica social interna e redes de integração com o conjunto da sociedade na qual está inserida.

Enquanto parte desse contexto, a mídia constitui-se na contemporaneidade como uma das principais mediações e as fotografias são comumente associadas à noção de verdade, principalmente no jornal impresso, sendo muitas vezes consideradas pelo senso comum como a própria realidade, não se questionando geralmente o seu conteúdo. Assim, neste artigo nos propomos a compreendê-las não como recortes fiéis da verdade e da realidade, mas como construções sociais em territórios específicos e a partir de condições de possibilidades dadas (FOUCAULT, 2013).

Diante destas considerações, é de nosso interesse analisar como as fotografias, especificamente as que são publicadas nas páginas do Jornal *O Mossoroense*<sup>7</sup>, constituem-se como resultados de uma produção, sendo atravessados por vários olhares e discursos. Para tanto, o nosso interesse recai sobre a fotografia de jovens em situação de violência que são publicadas pelo referido jornal, no período que compreende os anos de 2011 a 2013. A delimitação desse público surge diante da grande quantidade de matérias e reportagens sobre esse tema que circulam na mídia, e dos tipos de comentários que elas despertam, incluindo as polêmicas em torno da questão da redução da maioridade penal (de 18 para 16 anos) e alguns discursos que muitas vezes colocam esses sujeitos no papel de criminosos, ou de mercedores desse destino por terem algum tipo de envolvimento com a criminalidade e/ou com as drogas.

Neste sentido, com o objetivo de investigar, através de um processo de descrição e interpretação, como estes sujeitos jovens são representados e construídos discursivamente pelas fotografias. O nosso percurso metodológico é fundamentado nos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso (AD) de orientação francesa, a qual compreende as fotografias e imagens como produções atravessadas por variados sentidos e condições de possibilidades dadas, as quais não são a verdade ou a realidade efetivamente, mas recortes do real e do verdadeiro, produzidos pela/na exterioridade que possuem. Elegemos como

---

<sup>7</sup> “Foi fundado em 1872 [...], atualmente um dos quatro mais antigos do país e o mais antigo do Rio Grande do Norte ainda em circulação” (NASCIMENTO, 2002, p. 102).

objetivo observar como as fotografias são resultados de uma produção, considerando que por trás de todas elas há sempre o olhar de um fotógrafo que escolheu determinado aspecto para ser mostrado, e não outro. Aspecto este, que pode interferir no recorte da realidade que será mostrada a partir do seu registro. Além disso, uma mesma imagem pode despertar diferentes interpretações, pois as fotografias são, em sua natureza, polissêmicas. Este fato seria suficiente para que se possa duvidar desse caráter inquestionável da fotografia, afinal, se aquilo que ela mostra fosse realmente *a* verdade, e se essa verdade fosse realmente única, como explicar as diferentes interpretações que ela desperta?

Tem-se assim, uma realidade que é socialmente produzida, uma noção de verdade que também se origina no social, e a fotografia, que figura como uma forma fiel de representação destas. Entretanto, se as próprias noções de realidade e verdade em contraponto com o que diz o senso comum, precisam ser analisadas de maneira reflexiva, é preciso também que o debate em torno da questão das fotografias, e daquilo que elas representam, seja mais profundo e mais complexo.

### **Percurso metodológico**

Na presente pesquisa, tomamos como perspectiva teórica e metodológica a Análise de Discurso de Orientação Francesa. A Análise do Discurso, utilizada para analisar imagens, permite estudar elementos que comumente são deixados de lado nas análises feitas acerca desse tipo de objeto. O debate acerca desse ponto busca esclarecer o que é a Análise do Discurso e como ela pode ser aplicada à análise das imagens.

Normalmente as análises imagéticas se baseiam no conteúdo da imagem, nos elementos que a compõem, e a partir desses elementos presentes na imagem, criam suas interpretações. Também é comum que a imagem fotográfica não seja questionada, criou-se em torno dela, desde o seu surgimento, uma ideia de artefato incontestável, de reprodução fiel e verdadeira das cenas do mundo real. Conforme já observado, esta concepção, além de ingênua, pode ser também enganosa.

Deste modo, a partir de uma discussão mais profunda sobre a análise das imagens fotográficas, a qual ultrapasse o conteúdo imagético, pois, o sentido de uma imagem fotográfica começa a ser construído antes mesmo da produção da imagem em si, e não acaba nela. Aliás, não o sentido, mas os sentidos. A análise das imagens pela perspectiva do discurso propõe o debate de que não existe um significado unívoco para uma imagem.

Reforça-se, aqui, neste sentido, que toda imagem é dotada de diversos significados, sendo naturalmente polissêmica, conforme observado nas ideias de Barthes (1990).

Quando se fala em Análise do Discurso fala-se de um tipo de análise que se preocupa em ir além do objeto analisado em si. À Análise do Discurso interessam os fatores que são externos ao texto, mas que ao mesmo tempo se relacionam com ele, e que proporcionam que ele seja como é, e não de outra forma. Entre esses fatores podem estar o contexto social e cultural no qual esse objeto de análise está inserido, a época, as visões políticas que o tangem, os fatores econômicos, etc. O que a Análise do Discurso busca é compreender a relação entre o enunciado e os fatores que possibilitam que esse enunciado possa fazer sentido.

A Análise do Discurso nasceu com o objetivo de explicar os mecanismos discursivos que embasam a produção dos sentidos. Entendendo que há uma relação fundamental entre o linguístico e o histórico, esse campo transdisciplinar produziu inúmeras pesquisas que se voltam para a compreensão de como se dá a produção e a interpretação dos textos de um determinado contexto histórico, em uma determinada sociedade (GREGOLIN, 2003, p. 10).

Ao se propor a realizar uma análise do discurso deve-se ter em mente que esta não se refere a um discurso uníssono, mas a uma trama de significados repleta de discursos que se relacionam, que se confrontam, em uma rede de jogos discursivos, e que esse discurso o qual se analisa é resultado desses jogos. Deste modo, é importante ressaltar que, para o analista do discurso, entender esses jogos discursivos é sua tarefa principal. Entender como o discurso se forma, como ele faz sentido, porque ele é como é, entender essa dinâmica que existe em torno do objeto analisado, são exercícios mais importantes para este tipo de análise do que a busca por uma interpretação precisa acerca de determinado discurso.

O acontecimento enunciativo não deve ser tratado em si mesmo, mas deve-se compreender como esses enunciados podem se articular com acontecimentos que não são de natureza discursiva (técnicos, práticos, econômicos, políticos, etc.) e estabelecerem, com eles, um jogo de relações (GREGOLIN, 2001, p. 16).

O essencial da análise do discurso, em nosso caso nos discursos fotográficos, não é revelar significados ocultos ou explícitos, mas entender como esse discurso pode fazer sentido, entender como os jogos discursivos se relacionam nessa rede. Para aquele que se

propõe a analisar o discurso é importante estar ciente de que aquilo que ele procura não é manifestado apenas no enunciado, mas em sua exterioridade e nas relações que carrega.

Para compreender o discurso é preciso atentar para o que é dito e para o que não é dito, pois o não-dito também irá influenciar na produção de sentidos que se pode despertar a partir de um enunciado. Além disso, estes dois aspectos são implícitos e estão correlacionados na produção dos sentidos do discurso.

Essa nova prática de leitura, que é a discursiva, consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária. [...] só uma parte do dizível é acessível ao sujeito, pois mesmo o que ele não diz (e que muitas vezes ele desconhece) significa em suas palavras (ORLANDI, 1999, p. 34).

Nos discursos, muitas questões devem ser consideradas, principalmente a questão referente à negação do discurso como um texto ou ato de fala. Enquanto parte de um jogo mais complexo, o discurso não se refere somente a uma trama contínua, que encontra seu significado nos fatores históricos. Pelo contrário, a produção de sentidos através do discurso depende muito também da própria bagagem do enunciatário. Para compreender que um determinado meio de comunicação tem tendências a defender a visão política de um determinado partido é preciso ter conhecimentos básicos sobre sua linha editorial, sobre a visão que está sendo defendida, e até mesmo sobre a própria política. Deste modo, o que para uns pode ser apenas notícia, para outros, com maior embasamento no assunto, pode ser visto como mecanismo midiático de manipulação de informações.

A Análise do Discurso é, portanto, uma análise complexa, que visa estudar o enunciado não com o objetivo de revelar seu significado, até porque, um mesmo objeto pode adquirir diferentes significados dependendo do contexto no qual esteja inserido; dependendo da formação e da bagagem cultural, social e política do enunciatário; dependendo das interações existentes entre os discursos que se relacionam e se manifestam a partir desse enunciado. A tarefa do analista do discurso deve ser, então, a de identificar que discursos são esses, que regularidades e dispersões eles apresentam, que séries eles constituem, e como todos esses mecanismos fundamentam as possibilidades de interpretação do discurso.

Admitindo a pluralidade de sentidos que uma mesma imagem pode ter, e embasando nossa análise sob a ótica discursiva, enfatiza-se que a análise que nos propomos a realizar

da imagem fotográfica não se baseia em revelar o verdadeiro significado do conteúdo imagético; ou mesmo admitir que ele exista, posto desta forma, como irrefutável e único. Não é nossa preocupação desenvolver uma pesquisa em busca do real sentido da imagem, mas compreender que a imagem não possui apenas um significado. É mais importante, compreender que nosso principal objetivo não deve ser a tentativa de revelar esses significados, mas o engajamento para entender os processos e os discursos que se desenvolvem em torno da imagem fotográfica, os diversos fatores, internos e externos, que lhe possibilitam esses sentidos.

Assim sendo, a partir do *corpus* proposto – dez publicações do Jornal *O Mossoroense* no período que compreende os anos de 2011 a 2013 – temos o objetivo de analisar a partir da perspectiva teórica e metodológica da AD francesa os sentidos produzidos pelos discursos fotográficos, a fim de compreender como são representados e construídos discursivamente os jovens em situação de violência. Ressaltamos que neste momento não traremos análises mais aprofundadas, tendo em vista que este texto mostra-se como um primeiro gesto de reflexão sobre a temática, sendo de nosso interesse discuti-los conjuntamente com a intenção de unirmos outros olhares e perspectivas que possam nos auxiliar no seu desenvolvimento.

### **Primeiros gestos de leitura e interpretação**

Para a compreensão dessas questões, tem se mostrado necessárias considerações sobre o conceito de Construção Social da Realidade, visando elucidar de que modo aquilo que se costuma tomar como real é construído no social, demonstrando também que não existe uma realidade única para todos os fatos, e sim, realidades múltiplas que se desenvolvem através das sociedades (BERGER e LUCKMANN, 2001), as quais, são também representadas pela fotografia.

Optamos por trabalhar com as fotografias por reconhecer que no jornal impresso elas têm um papel importante na produção e na disseminação de discursos. Muitas pessoas não chegam a ler as matérias do jornal, mas olham as manchetes e as imagens. Conforme explica Sontag (2003), as imagens desempenham um papel de grande importância no meio social, entretanto, de todos os tipos de imagem que circulam em nosso dia a dia, a fotografia ocupa um lugar de destaque. Segundo essa autora, “o fluxo incessante de imagens (televisão, vídeo, cinema) constitui o nosso meio circundante, mas, quando se trata de

recordar, a fotografia fere mais fundo. A memória congela o quadro; sua unidade básica é a imagem isolada” (SONTAG, 2003, p. 23). A autora comenta que as fotografias contribuem para que uma representação se torne “verdade”. Sontag (2003) fala que a atenção do público é conduzida pelas atenções da mídia, mais especificamente, pelas imagens da mídia.

Fotografias são registros do mundo, da história, capazes de nos transportar para outras épocas, a períodos distantes, quando ainda nem havíamos nascido. A imagem fotográfica nos conta como era esse mundo, nos presenteia com registros visuais de momentos únicos que jamais se repetirão, reproduzindo com fidelidade as cenas do nosso cotidiano, da história da humanidade. “Imagens fotográficas retratam a história visual de uma sociedade, documentam situações, estilos de vida, gestos, atores sociais e rituais, e aprofundam a compreensão da cultura material, sua iconografia e suas transformações ao longo do tempo” (BITTENCOURT, 1998, p. 200). Quando há fotos, um fato se torna “real”. Diante deste poder associado à imagem fotográfica, levantamos o questionamento sobre quais os sentidos que os discursos das fotografias do jornal despertam, especialmente as fotografias que produzem e reproduzem sentidos sobre jovens em situação de violência. De igual modo, também é de nosso interesse refletir sobre como são produzidos esses discursos e os seus efeitos de sentidos.

Deste modo, o nosso *corpus* discursivo deverá ser composto por dez edições do jornal *O Mossoroense*, publicadas no período anteriormente indicado (2011 a 2013), que trazem como enfoque em sua foto principal da capa algum episódio relacionado a casos de crianças e/ou adolescentes vítimas de homicídio. Elegemos por trabalhar com o jornal *O Mossoroense* por se tratar de um dos periódicos mais antigos do país e o mais antigo do Rio Grande do Norte ainda em circulação, sendo deste modo, um meio de comunicação conhecido pela população e detentor de certa credibilidade, haja vista sua longa permanência no mercado. A escolha ainda pode ser justificada pela insuficiência de estudos sobre um jornal tão importante para a histórica local, evidenciando ainda, o pressuposto da necessidade de reflexões que possam contribuir para estudos sobre a nossa realidade local.

A seleção do material de análise será feita através de pesquisas na página do jornal na internet e de visitas ao Museu Municipal Lauro da Escócia – já que o jornal só disponibiliza edições digitais a partir de meados do ano de 2011. Sendo a fotografia e a sua produção de sentidos sobre jovens em situação de violência o principal foco dessa pesquisa,

procuramos investigar se entre os anos indicados o jornal teria dado mais destaque para a questão, considerando os dados publicados no *Mapa da Violência 2014*.

Em 2014 foi divulgado o *Mapa da Violência 2014: Os Jovens do Brasil*<sup>8</sup>, apontando que entre 2002 e 2012 o Rio Grande do Norte foi o estado brasileiro onde as taxas de homicídio mais cresceram entre a população geral. Ciente destes dados, a investigação aqui proposta faz-se importante para que possamos pensar acerca dos discursos produzidos em torno dos jovens e suas relações com o crescimento de tais índices, de modo a entender como o jornal trata essa questão, bem como, a compreensão de como esses sujeitos estão sendo construídos através desses discursos, procurando mostrar as estratégias que possibilitam a produção desses sujeitos. Nesse contexto, voltamos nossa atenção também para a forma de disseminação desses discursos, reconhecendo que o jornal, enquanto meio midiático exerce uma função relevante nesse processo. Fernandes (2012, p. 83), afirma que a mídia “produz e dissemina discursos voltados para a moldagem dos sujeitos”. Busca-se também averiguar qual a posição que esses sujeitos (crianças e adolescentes) ocupam nos discursos, procurando explicitar as formações e transformações históricas que constituem sua representação.

Destarte, o que se propõe é desenvolver um debate acerca das imagens e, conseqüentemente, da fotografia, considerando o que conduz a uma compreensão que considera essas imagens não mais como verdades, mas como construções sociais. Pretendemos refletir sobre as particularidades que se inscrevem no imbricado processo de fusão entre juventude, violência e sua representação através das fotografias publicadas no jornal impresso *O Mossoroense*, atentando para as produções de sentidos, marcas e singularidades deste quadro. A contribuição do estudo demonstra-se, neste sentido, na reflexão sobre como os jovens estão sendo representados nas páginas do jornal, assim como também, no entendimento sobre as relações entre juventude e violência, e como estas relações são tratadas pelo jornalismo.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

<sup>8</sup> WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2014: Os Jovens do Brasil*: CEBELA, 2014. Disponível em: [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014\\_JovensBrasil.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf). Acesso em: 17 jul 2014.



\_\_\_\_\_. **Aula:** Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes. 20 ed. 2001.

BITTENCOURT, Luciana Aguiar. Algumas Considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira (orgs.). **Desafios da Imagem:** fotografia, iconografia e vídeos nas ciências sociais. Campinas: Papyrus, 1998, p.197-211.

CARLOS, E. D. S.; MENDES, M. L. G. C. . Adolescência em foco: representação imagética do jovem em situação de risco. **Culturas Midiáticas**, v. VI, p. 1-12, 2013.

COSTA ; MENDES, M. L. G. C. . Ordem discursiva na mídia impressa: as condições de produção da notícia. **Intersecções** (Jundiaí), v. 6, p. 110-119, 2011.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 22 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012

GREGOLIN, Maria do Rosário. AD: descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In: NAVARRO, Pedro (org.). **Estudos do texto e do discurso:** mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006.

\_\_\_\_\_. Análise do discurso: os sentidos e suas movências. In: GREGOLIN, Maria do Rosário et al (orgs.). **Análise do discurso:** entornos do sentido. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2001, p. 9-34.

\_\_\_\_\_. **Discurso e mídia:** A cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em análise do discurso**. 2 ed. Campinas, SP; Pontes, 1993.

NASCIMENTO, Geraldo Maia. **Fatos e Vultos de Mossoró:** Acontecimentos e Personalidades. Mossoró: Fundação Vingt Rosado, 2002. (Coleção Mossoroense).

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso:** Princípios & Procedimentos. Campinas: Pontes, 1999

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2014:** Os Jovens do Brasil: CEBELA, 2014. Disponível em:

[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014\\_JovensBrasil.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf). Acesso em: 17 jul 2014.

\_\_\_\_\_. **Mapa da Violência 2012:** Crianças e Adolescentes do Brasil: CEBELA, 2012. Disponível em:  
[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012\\_Crianças\\_e\\_Adolescentes.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/MapaViolencia2012_Crianças_e_Adolescentes.pdf). Acesso em: 13 jun 2014.